

ISABEL DO CARMO

HISTÓRIAS
QUE AS MULHERES
CONTAM



D.QUIXOTE

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| Prólogo | 11 |
| 1. É este o amor louco? | 13 |
| 2. Bucólica, há 40 anos | 19 |
| 3. Bucólica, hoje | 25 |
| 4. As forças da repressão | 31 |
| 5. Protegida e obediente | 39 |
| 6. Abandonaram-se | 45 |
| 7. Transparente como um grito | 53 |
| 8. Segredos no armário | 59 |
| 9. Amor incerto | 65 |
| 10. Amor de mãe | 73 |
| 11. A dispersão dos afectos | 81 |
| 12. Um caso BPN e os vilões | 89 |
| 13. Os miúdos que vêm de helicóptero | 95 |
| 14. Peganolaço | 101 |
| 15. Identidades violadoras | 107 |
| 16. Rainhas | 115 |
| 17. Pepita Firmo | 123 |
| Agradecimentos | 135 |

PRÓLOGO

As histórias que aqui se contam são reais. Nada do que aqui é posto na boca destas mulheres é inventado, nem mesmo as expressões ou os seus comentários. No entanto, não são identificáveis, é salvaguardado o seu anonimato.

Gosto de ouvir as histórias das pessoas. E acontece que geralmente as mulheres são melhores contadoras das suas histórias pessoais do que os homens. Os homens contam outras histórias, as que se situam fora deles. Mas é difícil «sacar-lhes» a história pessoal mais íntima.

Por outro lado, todas as histórias que aqui se contam estão relacionadas com a condição feminina, conduzindo muitas vezes a situações dramáticas na vida das mulheres, que são nossas contemporâneas. Para nos ajudar a todos a enquadrar estas vivências, juntei comentários, que estão num tipo de letra diferente.

Se olharmos para fotografias de mulheres do nosso tempo, ou dum tempo anterior quando são mais velhas, encontra-

mos caras, posições, posturas espantosas, que revelam muito do mistério destas vidas, quando foi fixado um instante no devir que decorre sem momentos únicos. Só a fotografia é um momento único. Por isso, foi escolhida uma fotografia para cada história no arquivo fotográfico Ideias no Escuro. Em nenhuma delas a retratada corresponde à contadora da história. Mas há conexões, conotações, lembranças da nossa própria memória, que ligam cada fotografia àquela história.

Vozes e fragmentos, que me foram legados com emoção e que aqui deixo também com emoção.

Isabel do Carmo



É ESTE O AMOR LOUCO?

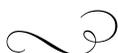


A minha tia ainda era aos 75 anos uma boneca. Vestia-se como há 50 anos se vestiam as meninas casadoiras. Fatos de saia e casaco feitos por medida, na modista. Os tons do tecido, conforme a estação – bege, rosa-claro, rosa-velho, *bordeaux*, verde-tília, cinzento-claro, preto. Sempre um bocadinho cintados, nunca esquecendo o estilo Chanel. Debruados, às vezes, com botões forrados do mesmo tecido, ou de metal. O comprimento da saia era sempre de acordo com a moda desse ano. A modista dizia-lhe: «D. Joana, este ano a saia é dois dedos abaixo do joelho», ou «se puser um palmo abaixo do joelho, ela sobe quando se sentar e, como tem a racha atrás, que é o que se usa este ano, sobe só um bocadinho e fica bem.» As blusas eram sempre de seda e a condizer com o fato de saia e casaco. O colar de pérolas e o lenço de seda Hermès nunca faltavam. Nem a malinha de mão, pequena, de verniz. Os olhos eram azuis e o cabelo era loiro, curto, sempre arranjado. Tornou-se branco. Mas

sempre arranjado. A maquilhagem, discreta – um leve pó-de-arroz, uma sombra ligeira nos olhos, algum rímel, *bâton* claro. Discreta e elegante. Uma boneca, evidentemente. Nunca teve filhos e, na cidade de província onde viveu, todos a tomavam por uma bonequinha mimada. Tinha criadas, e o marido dava um salto a casa à hora do almoço para ver se estava bem. Viviam fascinados um com o outro e embevecidos como dois namorados.

Mas depois dos 70 anos o marido começou a dar mostras de falta de memória, a trocar nomes, a não se lembrar se tinha comido ou não. Mas sempre com um sorriso para ela e a chamar-lhe bonequinha, gentil à mesa, com cortesia na passagem das portas e a mão estendida nos degraus. Aos 74 anos, foi-lhe diagnosticada a doença de Alzheimer. Não voltou a sair sozinho, a maior parte das vezes não sabia onde estava. Não nos conhecia a nós, os sobrinhos. Só a conhecia a ela. Tratava-a por «bichinha» como nos tempos antigos e chamava-a a todo o momento. Às vezes corria atrás dela pela casa. Um dia, quando ia a correr, enredou-se no cordão do roupão e caiu. Não percebia nada nem sabia nada do que se passava. Mas noutro dia, quando lá estávamos e começámos a falar de flores, como que acordou, apontou para ela e disse: «A minha flor está aqui.»

Precisava dela para tudo, para ir à casa de banho, para se limpar, para se lavar, para lavar os dentes. Às vezes as pessoas diziam-lhe «meta-o num lar, há lares muito bons», e ela respondia que ele não suportaria, que morreria algum tempo depois. E ela também não suportaria a sua ausência.



A doença de Alzheimer é uma demência de início insidioso e evolução gradual. Pode ser de início precoce, antes dos 65 anos, ou de início tardio, depois dessa idade. O primeiro sintoma é a falta de memória, mas associam-se outras características, como a dificuldade de raciocínio e de execução. Inicialmente, há falta de memória para informação recente, mas depois também para os factos passados. Os doentes perdem as chaves e a carteira, esquecem-se do fogão aceso, perdem-se no próprio bairro. Nas fases mais avançadas da doença podem mesmo deixar de saber quem são, os nomes dos familiares, a profissão que tiveram. No início, pode testar-se a pessoa, pedindo-lhe para fazer compras e verificar se controla o troco, se regressa a casa sem problemas. A linguagem fica comprometida, com dificuldade de designar nomes de pessoas ou coisas. Pode acontecer que, enquanto estão a ouvir os outros, repitam as palavras ouvidas.

Alguns sintomas da doença de Alzheimer coincidem com sintomas simples de envelhecimento. Também podem coincidir com outras situações, como défices nutricionais, depressão, excesso de medicação, traumatismo craniano, alterações de sódio no sangue, infecções respiratórias nos idosos. É a evolução e a gravidade que vão determinar o diagnóstico. Na doença de Alzheimer pode ser detectável a deposição de substância amilóide no cérebro. Após o diagnóstico, os doentes duram entre oito e dez anos. Há alguns medicamentos que, aplicados no início, atrasam a evolução.



Mas a minha tia começou a ter problemas de coração. Aperto, dor, dificuldade em subir as escadas. Começámos a dar mais atenção aos dois. Ia lá todas as manhãs, antes de a empregada chegar. Ela já deixava que a empregada fosse todos os dias.

Uma manhã, quando cheguei, a minha tia não acordou, estava morta na cama, morrera durante a noite, já estava fria. Deixei-a e fui preparar o pequeno-almoço para ele. Sentei-o na cama, disse-lhe que a tia estava ainda a dormir. Ele sentou-se, compôs o pijama no pescoço, pus-lhe uma mantinha pelas costas, o tabuleiro no colo. E fui-lhe dando o leite e o pão com manteiga. Ele olhava para mim como para uma estranha e dizia para o lado: «Vá, acorda, bonequinha.» Depois levantei-o e fui com ele para a casa de banho.

Tratámos de tudo enquanto ele vagueava pela casa. E em casa se mantém. Quem toma conta dele diz que o vê a estender o braço na cama à procura dela: «Onde estás, bonequinha, estás a pregar-me uma partida?»



BUCÓLICA, HÁ 40 ANOS



A minha mãe teve 13 filhos.



Oiço-as falar de 11, de 18 filhos. O período menstrual era uma situação excepcional entre o casamento e a menopausa. Casavam novas, não fossem desonradas e já ninguém as querer. No namoro podia passar-se qualquer coisa. O melhor era casar. Se ele fosse para a tropa e para África, ou trabalhar para França. O melhor era casar antes. Não fosse o diabo tecê-las e a rapariga ficar solteira. Todos desconfiavam, sabia-se lá em que estado ficava. «Um aperto de mão muito apertado», era o que o soldado da Grande Guerra dizia nas cartas para a namorada Maria, que o filho e os netos descobriram e publicaram no jornal *Público*. Ainda não passaram 100 anos. Um aperto de mão muito apertado era tudo o que era consentido. Ainda bem que ele voltou. Senão, a Maria poderia ter ficado viúva solteira.

Casavam cedo e iam engravidando. Alguns filhos viviam, outros morriam. Sempre grávidas. Enquanto amamentavam não engravidavam nem vinha a menstruação. «Os meus filhos já andavam e bem e eu dizia-lhes “vem cá meu filho”, de manhã e à noite antes de se deitarem, “vem cá, à mama da mãe”», contam elas. Chama-se prolactina, a hormona que é segregada na hipófise em grande quantidade durante a amamentação e que inibe a estimulação dos ovários e a ovulação. É também uma hormona de *stress*, mas isso são outros contos e muita filogenética. Muita prolactina devia correr naqueles tempos antes da pílula. Para não falar de tempos muito, muito antigos, em que elas estavam aqui e vinham homens sozinhos do Médio Oriente e da Europa Central. Traziam outros genes. Elas pariam e viviam. Pariam e morriam. Alguns filhos morriam, outros viviam. Somos nós.



A minha mãe teve 13 filhos e só três viveram. Eu sou um deles. Os outros morreram ao nascer. O meu avô gritava para a minha avó, que estava no campo: «Ó Piedade, vem que a Conceição está a parir.» E ela replicava: «Vivo ou morto?» A Piedade era a minha avó. Enterrada no campo, com o milho, as batatas, a criação, o porco. A Conceição, a minha mãe, gritava, gritava de dores um dia inteiro. A curiosa empurrava a barriga, agarrava-lhe as mãos, amparava. Vivo ou morto? Três viveram. Porque é que os outros morreram? Não se sabe, naquela época era assim. A curiosa cortava o cordão, atava-o com o nastro e eles ali ficavam engelhadinhos, roxos,

mortos. Como o meu pai era carpinteiro, fazia uma caixinha com tabuinhas de pinho, metia-os lá dentro, pregava, fechava e levava-os para o cemitério. Porque não os enterrava logo ali? Talvez fosse por causa dos animais...

O meu pai era mau, metia-se nos copos. Batia na minha mãe. Batia-lhe sem parar. E a seguir saltava-lhe para cima. Depois do parto esperavam que saísse a placenta. Às vezes tinha dores tortas. Uma vizinha fazia-lhe canja de galinha preta. Ela lá se animava. Mas dizia que estava ainda com as dores e com o sangue para ele não lhe saltar em cima.

E, no entanto, a minha mãe era de força. Mas só uma vez é que se vingou. Ele ameaçou que ia matar-se e ela foi dar com ele a pendurar uma corda no telheiro que dava para a horta, para se enforcar. A minha mãe desatou a corda e bateu-lhe, bateu-lhe com ela até ele ficar todo marcado. Depois foi-se deitar. Ele murchou, teve vergonha. Afinal, nem sequer teve coragem para se matar, era só ameaça. Alguns dias depois voltou aos copos e à pancada.



No primeiro semestre de 2014, as queixas de violência doméstica registadas pela PSP e pela GNR aumentaram 2,3% relativamente ao primeiro trimestre de 2013. No total, as duas organizações policiais registaram nesse período 13 071 queixas. Na Guarda e em Viseu, foi onde se registaram os maiores aumentos – cerca de 30% em cada distrito. A maior parte das ocorrências ocorreu de noite ou de madrugada. Em cerca de 40% dos casos foram presenciadas

por menores (fonte: relatório da Direcção-Geral da Administração Interna do 1.º semestre de 2014). Até Dezembro de 2014 já tinham sido assassinadas 34 mulheres em contexto de violência doméstica. Em 2012 e 2013, houve 15 311 processos. Destes, 72% foram arquivados por falta de provas. Dos que chegaram a julgamento, 58% resultaram em condenações. Apesar disso, há actualmente 492 homens presos por violência doméstica.



Eu estive lá até me casar. Era lama, era chiqueiro. Quando me casei, vim para Lisboa. Vivo com o meu marido na mesma casa, mas odeio-o. Pancada? Já apanhei muita pancada. E até já tive uma faca apontada ao coração. Porque é que nunca me separei? Para não dar esse desgosto à minha mãe.



BUCÓLICA, HOJE



A casa onde vivo é só porcaria e lama. Visto-me de preto nem sei porquê. Vai-se pela estrada e depois por um caminho de terra batida. A mercearia fica longe, cerca de meia hora pela estrada. O que me vale é que de vez em quando tenho de ir lá comprar alguma coisa. Agora, vale-me a diabetes, porque tenho de ir à farmácia fazer a análise. Não a quero fazer em casa. Não sei nem quero. Vou e volto devagar. Às vezes falo com a dona da mercearia e com alguma vizinha. Outras vezes, não. As outras casas ficam longe. A que fica perto só serve para zangas e maus-tratos com os vizinhos. Os meus pais vivem na porcaria. O meu pai não quer cimentar a entrada da porta. No Inverno, há lama dentro e fora. O galinheiro é um chiqueiro. Com as galinhas, o cocó, os ovos. Eu entro e já nem sei o que piso. E há o cheiro. Enterro-me naquilo tudo.

A minha mãe não sai de casa há um ano. Nem sequer vai à missa. O meu pai sai aos domingos e passa a tarde no café a comer tremoços. Isso não falha. Eu nunca entrei no café.

Os meus pais guardam as coisas num palheiro, tudo misturado, garrações de água, de vinho, de gasolina. Garrafas de plástico vazias. Vidros partidos. As batatas com o remédio. Põem lá a fruta que querem vender. Nem sabem vender. Quem é que quer ir espreitar um entulho daqueles? Quem é que quer entrar ali?

No Verão ainda dou uma volta pelo campo, vou até à estrada, digo que vou tratar da horta, que vou regar. Temos um pinhal, mas o pinhal está cheio de mato, nem dá para passear. Cheio de mato, qualquer dia pega-lhe o fogo. Nem sei se era mau se era bom... As árvores de fruto também têm mato à volta. O porco está um bocado longe de casa. Guincha e chafurda porque é mesmo porco. Sou eu quem lhe vai dar os restos da comida. No Inverno lá vou eu pela lama. Falo com ele: «Come, come, come lá, que também nós te havemos de comer.»

Temos alguns borregos. Mas os nossos cães, às vezes, atiravam-se aos borregos quando nasciam para os comer. Eu cortei a cabeça de um borrego, fervei-a em água e pendurei-a na coleira do cão. Ficou lá até apodrecer. Para ele cheirar e enjoar.

Os meus pais e os vizinhos não se falam. Quando a roupa está estendida – lençóis, quando os põem a lavar, e roupa interior –, os vizinhos mandam os cães, que se atiram à roupa e a estragam. Já a fizeram às tiras. É maldade dos vizinhos, e os meus pais dizem que ainda hão-de dar um tiro nos cães. Malditos cães. Já começaram a construir um muro, mas não o acabam para não gastar dinheiro.